

Tribuna Ribeirão inaugura o Pedro II

O Theatro Pedro II é um dos principais cartões-postais de Ribeirão Preto

Ao contrário do que muitos pensam, não foi construído pelo dinheiro dos coronéis do café e nem mesmo viveu a *Belle Époque* de Cassoulet e suas dançarinas. Obra da Companhia Cervejaria Paulista, foi inaugurado em meio à Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder, em 8 de outubro daquele ano.

Em plena crise econômica pós quebra da Bolsa de Nova Iorque, o teatro recebia até 2.000 pessoas. O primeiro espetáculo não foi no palco, mas nas telas: o filme *Alvorada do Amor* (*The Love Parade*, 1929), dirigido por Ernst Lubitsch e estrelado por Jeanette MacDonald e Maurice Chevalier.

Viveu sua decadência nos anos 1970. Arrendado a uma empresa exibidora de filmes, foi completamente descaracterizado por reformas. A plateia foi reduzida e placas de madeiras encobriram camarotes, frisas e galerias laterais. Transformado em cinema, teve a capacidade reduzida para 800 pessoas.

Em sua primeira fase, também discordando do senso comum, que vê o Pedro II como um grande palco para pomposas apresentações, o teatro recebeu poucas companhias. Foi muito mais cinema do que teatro.

Abandonado e praticamente sem conservação, foi fechado ao público em 1978. Dois anos depois, em 15 de julho de 1980, um incêndio destruiu a cobertura, o forro do palco e



Antes da reinauguração oficial, o Tribuna Ribeirão levou o tenor Hélio Gori para soltar a voz no palco do Pedro II

grande parte do interior, silenciando o Pedro II.

A reinauguração demoraria 16 anos. As obras de reforma começaram uma década depois, a primeira etapa em 1991 e a segunda em 1993. Esta última, recebeu grande cobertura do Tribuna Ribeirão.

Faltando menos de 60 dias para a reinauguração oficial do teatro, o jornal teve uma ideia inusitada: inaugurar o Pedro II com a performance de um competente profissio-

nal do canto, de fama internacional e, se possível, que fosse de Ribeirão Preto. “Uma inauguração extraoficial, claro”, ressaltava a edição de 25 de maio de 1996.

O escolhido não poderia ter sido melhor: Hélio Gori, tenor nascido em Ribeirão Preto e que viveu e se apresentou por mais de 30 anos na Itália.

Em dia de visita popular às obras, o tenor se juntou à reportagem do Tribuna e outras cerca de 500 pes-

soas, que aguardaram pacientemente sua vez de entrar no Pedro II. De terno azul-marinho, impecável, Gori recorda passagens de sua vida e chora a perda do Carlos Gomes, antigo teatro local. “Uma riqueza celestial que Ribeirão jamais poderia ter perdido”, lamentou.

Já no interior do prédio, enquanto o monitor se esforça para ganhar a atenção de 50 pessoas deslumbradas com a beleza e imponência do teatro, Hélio Gori sobe ao palco,

Cervejaria Paulista construiu o teatro

A Cia. Paulista foi fundada em 25 de abril de 1913. A primeira fábrica ficava na esquina das ruas Visconde do Rio Branco e Barão do Amazonas. Pouco depois, foi inaugurada uma nova unidade, na avenida Jerônimo Gonçalves, vizinha à sua maior concorrente, a Antártica.

Teve grande participação no desenvolvimento urbano da cidade. Além de gerar milhares de empregos, a Cia. Paulista foi precursora dos investimentos imobiliários que injetaram significativas cifras nas finanças locais em meio à crise

econômica pós quebra da Bolsa da Nova Iorque.

Em 1927, investiu na compra de terrenos e antigos edifícios localizados em frente à Praça XV, os quais mais tarde dariam lugar ao famoso Quarteirão Paulista, onde está o Theatro Pedro II, tombado pelo Condephaat.

O capítulo final da Cia. Paulista deu-se em 1973, com a fusão com a rival Antártica, que se tornou a partir de então Cia. Antártica Níger (referência à mais famosa marca de cerveja produzida pela Paulista).



O Quarteirão Paulista, construído pela cervejaria homônima, é até hoje um dos cartões-postais de Ribeirão Preto

Dia histórico teve também Rita Lee no Parque Maurílio Biagi

O aniversário de Ribeirão Preto em 1996 foi um daqueles dias que jamais serão esquecidos. Pelo menos, para quem viveu alguns dos eventos marcantes da comemoração.

A reinauguração do Theatro Pedro teve ingressos, ou melhor, convites, bastante disputados. Este Tribuna chegou a realizar enquetes entre personalidades da cidade para saber quem não poderia faltar à festa. “O Quinzinho também deve ser convidado, desde que vá de smoking”, sugeriu o escritor Júlio José Chiavenato, se referindo a Joaquim Teixeira da Silva, personagem folclórico de Ribeirão Preto.

No fim, poucos privilegiados, a maioria políticos e empresários, tiraram os smokings e os vestidos longos dos armários para testemunharem o renascer do teatro. O prefeito Antô-



Roqueira levou fãs ao delírio no Parque Ecológico Maurílio Biagi, em 1996

nio Palocci e seus secretários receberam o ministro da Cultura, Francisco Wefort, o senador Eduardo Suplicy, o secretário estadual da Cultura Marcos Mendonça e artistas como Sérgio Mamberti e Tomie Otake.

Ao mesmo tempo, no Parque Ecológico Maurílio Biagi, centenas de jovens sem convite, desprovidos de roupa de gala e sem a mínima vontade de participar da festa de reinauguração do Theatro Pedro II, loucos por Rita Lee, falecida em 2023, puseram os pés na grama dispostos a pular, dançar e cantar os sucessos da roqueira.

As diferenças, nada sutis, entre as duas festas foi comparada pelo jornalista Hilton Hartmann aos ícones personagens de Paulo Gracindo e Brandão Filho: o Primo Rico e o Primo Pobre, respectivamente.

Enquanto no Pedro II a interpretação de ‘O Guarani’ pela Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto foi o ápice de uma noite memorável, no parque ecológico muitos jovens gravaram na memória para sempre a performance da modelo Valéria Mendonça, que entrou em cena “do jeito que veio ao mundo”.

sozinho... De repente, enche o peito e começa a cantar um trecho de ‘O sole mio’, famosa canção napolitana.

“O monitor para de falar, ensaia uma explicação improvisada para aquele improviso. Gagueja. Desiste. Com os olhos cheios de lágrimas, a boca aberta, pregadas no lugar, a maior parte daquelas pessoas parece hipnotizada, não acredita no que está vendo”, registrou o Tribuna, em texto assinado por Marcos Rocha.

A reinauguração oficial do Pedro II aconteceu no dia do aniversário de Ribeirão Preto, 19 de junho, para privilegiados convidados, com a Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto e o Coral do Teatro Colón, de Buenos Aires, apresentando a abertura II Guarany de Antônio Carlos Gomes e a Nona Sinfonia de Ludwig van Beethoven, sob a regência dos maestros Roberto Minczuk e Isaac Karabtshevsky, contando ainda com a presença do tenor solista Fernando Portari. Hélio Gori, até a data da matéria, afirmou que não havia sido convidado para a reinauguração do Theatro Pedro II, nem pela fundação gestora e nem pela prefeitura.

Mas para 50 sortudos, como o senhor Dias, que assim se apresentou ao jornal na época, ela aconteceu quase dois meses antes. “Nossa moço, que surpresa mais bonita fizeram pra gente. A minha mulher está chorando até agora, emocionada. E fiquei sabendo que foi só pra gente, pra nossa turma. É verdade? Se foi isso, a nossa turma ganhou na loteria”.

Sim, vocês ganharam na loteria!

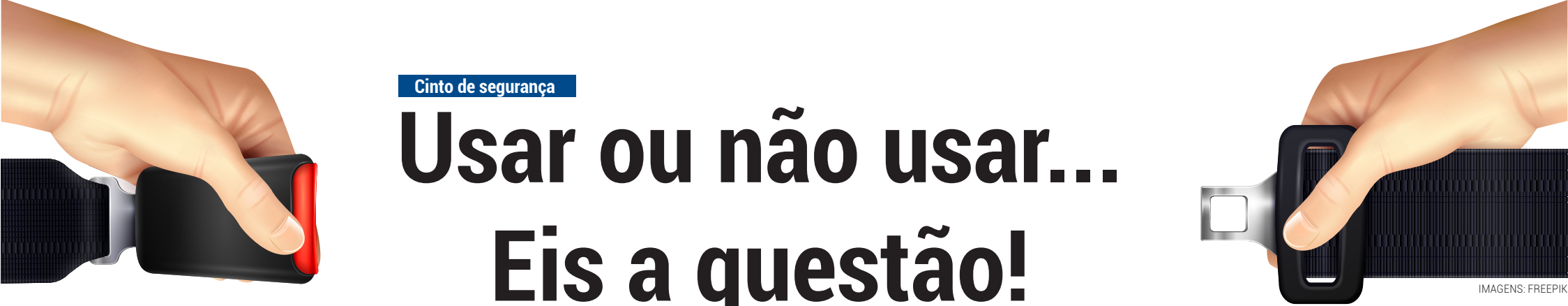
Hélio Gori começou a cantar aos 9 anos



Hélio Gori nasceu em Ribeirão Preto, em 1º de abril de 1929. Começou a cantar aos nove anos. Aos 16 foi ‘descoberto’ pela professora Maria Pia Ribeiro, frequentou o Conservatório Musical Carlos Gomes de RP e estudou canto em São Paulo com os maestros Gaetano Bonanno e João Gomes Júnior.

Nos anos 1950, recebeu uma bolsa anual, aprovada pela Câmara de Ribeirão Preto, para cursar Canto Lírico no Teatro Alla Scala de Milão, onde viveu por mais de 30 anos – trabalhava, também, como agente administrativo no Consulado do Brasil.

Aposentado, voltou para Ribeirão Preto, onde dava aulas de canto. Em 1990, realizou turnê pela Europa, apresentando-se na Itália, Holanda, Bélgica, Alemanha e França. Faleceu em 2018, em Santos.



Cinto de segurança

Usar ou não usar... Eis a questão!

Não há dúvidas de que o cinto é o acessório de segurança mais importante da história da indústria automotiva. Embora não existam números precisos, certamente inúmeras vidas foram salvas no trânsito graças à sua utilização.

Hoje, colocar o cinto de segurança ao entrar num veículo é praticamente um ato contínuo. Mas, nem sempre foi assim...

Por muitos anos, o equipamento era um simples acompanhante nos veículos. Como seu uso não era obrigatório – e a falta punida com multa –, uma parcela pequena dos motoristas e passageiros o adotavam. Principalmente nas cidades.

Nas estradas, o uso começou a ser obrigatório no final dos anos 1980. E o assunto gerou muita discussão e polêmica pelo país. Ao mesmo tempo que cidadãos levavam a questão ao Judiciário, entidades e municípios trouxeram a pauta à discussão.

Em várias cidades, leis foram criadas versando sobre a segurança do cinto. Ribeirão Preto não ficou de fora. Publicado em 10 de maio de 1995, o Projeto de Lei do vereador José Carlos Pitta tornou obrigatório o “uso do cinto de segurança aos condutores e passageiros de veículos automotores, tipo passeio, quando trafegarem no perímetro urbano do Município”.

Médico neurocirurgião, o vereador tinha motivos de sobra para falar sobre o assunto. No final de 1994, sua esposa havia sido salva da morte pelo uso do cinto de segurança. “O carro dela capotou violentamente por três vezes, no cruzamento das ruas Rui Barbosa e Olavo Bilac. Se não tivesse com o cinto, com certeza teria morrido”, disse.

Embora a celebração de convênio com a Polícia Militar para a fiscalização tenha sido autorizada e publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo, quase um ano depois o assunto ainda gerava acalorados debates.



DIVULGAÇÃO

Uso do cinto de segurança já gerou polêmica em Ribeirão Preto

“Era preciso inserir a cláusula do quesito da obrigatoriedade do uso de cinto de segurança no convênio, para que a Polícia Militar pudesse atuar na fiscalização e execução da lei municipal”, explicou o advogado Victor Hugo Albernaz, da secretária de Negócios Jurídicos.

Debates

Em meio ao empurra-empurra, a discussão ganhou a Câmara – afinal, era ano eleitoral. Emenda de autoria do vereador Corauci Neto tentou livrar da lei – e do uso do cinto de segurança – taxistas, gestantes e motoristas visitantes. Em relação aos últimos, o argumento era que não haveria como conhecerem a legislação local.

Exceção aos benefícios para taxistas e gestantes, o que Corauci defendia veio a se concretizar pouco tempo depois: uma lei federal para tal atuação.

Uma emenda que previa



MARCELLO CASAL JR / AGÊNCIA BRASIL

Piquet: Taxista não se acidenta em Ribeirão?

isenção para os motoristas de taxi chegou a ser aprovada na Câmara, por 10 votos a 7 – votos favoráveis de Baleia Rossi, Rafael Silva, Morandini, Cícero Gomes, Delcídes Canelli, José Rubens, Mauro Mello, Sabastião Xavier e Wandeir Silva, além do próprio

autor. Palocci vetou a emenda, que tinha como argumento, usado pelos edis, que os taxistas se “tornariam presas fáceis para os ladrões com o uso do cinto de segurança”.

Houve quem tentasse garantir o próprio “direito”, como o vereador Delcídes

Canelli, que impetrou mandado de segurança para que não precisasse usar cinto.

Por outro lado, também havia quem defendesse. Joana Leal Garcia afirmava: “O cinto de segurança é um dispositivo que salva vidas”.

A polêmica chegou até às autoridades... em velocidade. Visitando a cidade por aqueles dias, o tricampeão de Fórmula 1 Nelson Piquet também afirmava ser favorável ao uso. “Taxista não se acidenta em Ribeirão? Vou além, os ônibus urbanos e intermunicipais deveriam conter esse dispositivo, tanto para motoristas quanto para passageiros”, disse, antecipando o que viria a ser realidade.

Em 1996, o Tribuna Ribeirão noticiava que estatísticas mundiais apontavam que o uso do cinto de segurança reduzia em 30% o número de vítimas fatais e em até 70% as sequelas provocadas pelos acidentes.

Baseando-se no número de mortes no Brasil do ano anterior, concluiu que pelo menos 5 mil pessoas poderiam ter sido salvas se o equipamento estivesse sendo usado.

Multa

A multa prevista para o motorista que não usasse o equipamento em Ribeirão Preto era de R\$ 16. A quantia foi considerada pelo jornal como “irrisória”. “Para se ter uma ideia, a prefeitura de São Paulo cobra salgados R\$ 190 de quem é pego dirigindo sem cinto. Em Campinas, o valor da multa é de R\$ 50”, afirmou o Tribuna, citando outras cidades com leis sobre o assunto.

Até então, o cinto de segurança era um equipamento obrigatório recomendado pelo Código Nacional de Trânsito. Porém, não havia regulamentação quanto à obrigatoriedade do uso no perímetro urbano, apenas nas rodovias estaduais e municipais. Daí a necessidade das leis municipais.

Enfim, a lei nacional

O uso do cinto de segurança somente se tornou obrigatório em todo o território nacional com o novo Código de Trânsito Brasileiro (CTB), instituído pela Lei 9.503, de 23 de setembro de 1997. Em seu artigo 65, o CTB determina que todos os ocupantes de veículos motorizados utilizem o cinto de segurança. Deixar de utilizar o equipamento é considerado uma infração grave, com aplicação de multa (R\$ 195,23), perda de cinco pontos na carteira e possibilidade de retenção do veículo.

Cabe ao condutor do veículo exigir a utilização deste dispositivo pelos demais passageiros. Também para o transporte de animais de estimação nos bancos traseiros é necessário utilizar o equipamento, sendo próprios para pets ou fixando a caixa de transporte ao cinto de segurança do veículo.

Cinto de três pontos foi lançado há 66 anos

DIVULGAÇÃO



O cinto de segurança de três pontos foi lançado pela Volvo, na Suécia, em 1959. No Brasil, veículos produzidos antes de 1984, quando entrou em vigor a Resolução 48/98 do CONTRAN | Conselho Nacional de Trânsito, ainda saíam de fábrica com o modelo subabdominal, considerado de menor eficácia.

Em 1970, regulação da Organização das Nações Unidas (ONU) tratou de especificações técnicas e instalação do equipamento. A partir daí, foi aumentando o número de países que adotaram a lei de obrigatorieda-

de do cinto no trânsito.

Segundo estudo publicado pela ONU em 2023, a utilização do cinto de segurança no trânsito ajudou a reduzir o número de ferimentos fatais em 45% a 50% para condutores do veículo e passageiros que se sentam na frente.

Em caso de desastres, pessoas que se sentavam no banco de trás, tiveram risco de morte e ferimentos sérios reduzidos em até 25% por estarem usando o cinto.

Todos os anos, 1,35 milhão de pessoas perdem a vida nas estradas.

Palocci: eu uso!

REPRODUÇÃO / TRIBUNA RIBEIRÃO



Palocci ao lado do motorista: “Sempre fui adepto deste dispositivo de segurança”

“Sempre fui adepto deste dispositivo de segurança, tanto na cidade quanto nas estradas”. Assim garantiu o então prefeito Antônio Palocci Filho ao ser flagrado na chegada ao Palácio Rio Branco. A afirmação ganhou o coro do motorista, Carlos Alberto Potente. “Ele sempre usou o cinto”, confirmou, ao volante do Monza oficial do município.

Não se passaram muitas

horas para Palocci cair em contradição. No mesmo dia, ao deixar a sede da prefeitura, a bordo do mesmo carro e tendo ao volante o mesmo motorista, o prefeito foi flagrado pela reportagem sem o cinto de segurança. “Sorte dele que, por força da burocracia existente em seu governo, não teve de desembolsar os R\$ 16”, alfinetou o jornal.

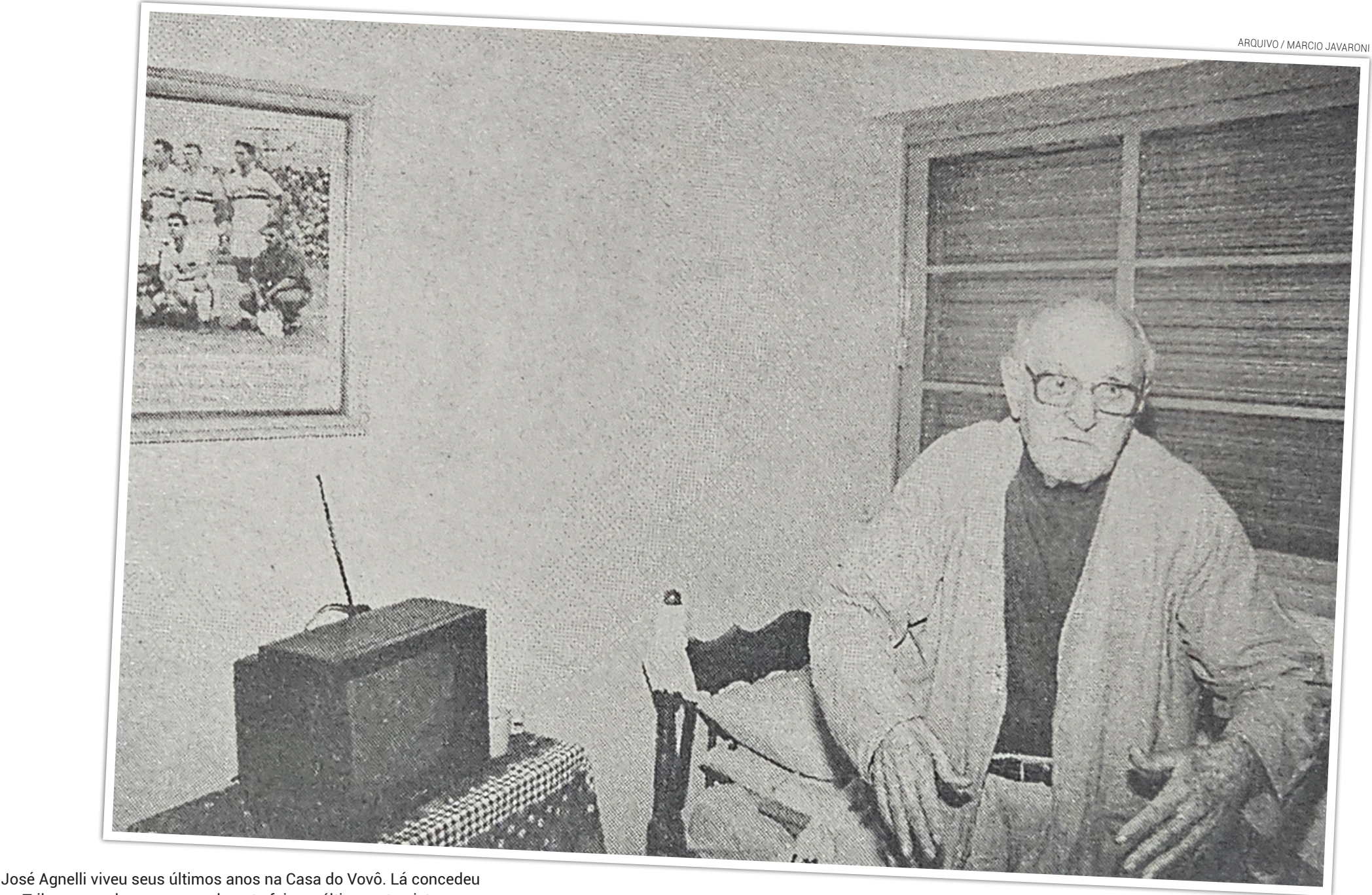
De olho na Lei

Código de Trânsito Brasileiro

Capítulo III – Das normas gerais de circulação e conduta
Art. 65 - É obrigatório o uso do cinto de segurança para condutor e passageiros em todas as vias do



território nacional, salvo em situações regulamentadas pelo CONTRAN | Conselho Nacional de Trânsito.



José Agnelli viveu seus últimos anos na Casa do Vovô. Lá concedeu ao Tribuna aquela que provavelmente foi sua última entrevista

A despedida de ‘dom’ Agnelli

José Guillermo Agnelli é um nome que está marcado nas páginas do futebol ribeirão-pretano. Principalmente na história do Botafogo, time que dirigiu por cinco vezes e ajudou a levar à sonhada Primeira Divisão, em 1957.

Entre idas e vindas, foram oito passagens pela dupla Come-Fogo. Com seu temperamento forte, mas sempre

gentil, o argentino era um personagem querido pela imprensa esportiva. Mesmo depois de sua aposentadoria, quando se transformou em funcionário do Pantera.

Era Agnelli quem, na histórica campanha dos anos 1976 e 1977, cuidava da Casa do Atleta, onde se concentrava e morava parte daquele elenco vitorioso. Mais tarde,

mudou-se para o Santa Cruz, onde viveu, aposentado, até ir para a Casa do Vovô, asilo que tinha o médico Luiz Gaetani, seu grande amigo, como fundador.

Foram inúmeras as entrevistas neste período, seja em Ribeirão Preto ou nas grandes capitais por onde os times dirigidos por Agnelli passavam. Quis o destino, que a

última delas tenha sido provavelmente para o Tribuna.

Era junho de 1996, o jornal tinha como pauta registrar como viviam as “vítimas da solidão (...) pais e avós, abandonados por familiares, quase que desprezados pela sociedade, que ainda encontram na esperança uma razão de vida”.

O título abriu uma matéria forte, que ouviu morado-

res da Casa do Vovô. Agnelli, como não poderia deixar de ser, foi um deles.

Vestindo um pijama azul claro, uma rala barba grisalha por fazer e óculos de lentes claras, o ex-treinador recebeu a reportagem em seu apartamento, um dos poucos individuais do asilo. Na parede, uma foto enorme do Botafogo, campeão do acesso.

REPRODUÇÃO / TRIBUNA RIBEIRÃO

Argentino veio para o Brasil nos anos 30 e por aqui ficou

ARQUIVO / MARCIO JAVARONI



Treinador passou por diversos times no interior de São Paulo, mas o coração estava em Ribeirão Preto

Natural de Buenos Aires, onde nasceu em 10 de janeiro de 1912, no famoso bairro La Boca, começou a carreira como jogador, em seu país, no River Plate – curiosamente o maior rival do Boca Juniores, time do local onde nasceu. Ainda na Argentina, jogou no Talleres.

Chegou ao Brasil em 1939, contratado como zagueiro pelo Vasco da Gama. Jogou também no Bonsucesso, Botafogo-RJ, Santos e Ponte Preta, até que uma cirurgia nos dois meniscos encerrou sua carreira.

Seu primeiro time como treinador foi o EC Mogiana, de Campinas. Chegou ao Botafogo, em 1956, trazido por Aluísio Teixeira Dias.

Além da dupla Come-Fogo, se transformou em uma verdadeira lenda no interior paulista, dirigindo clubes como Ferroviária, XV de Jaú, Guarani, Ponte Preta e XV de Piracicaba, entre outros.

Agnelli faleceu em 1º de maio de 1998.

Foram inúmeras as entrevistas neste período, seja em Ribeirão Preto ou nas grandes capitais por onde os times dirigidos por Agnelli passavam. Quis o destino, que a última delas tenha sido provavelmente para o Tribuna

Em Ribeirão, só Alfredinho treinou mais

José Agnelli chegou em Ribeirão Preto em maio de 1956. O Botafogo havia acabado de perder, para a Ferroviária, a chance de disputar a Primeira Divisão. Era, por sinal, mais uma tentativa fracassada desde a criação da chamada Lei do Acesso. Havia sido assim várias vezes desde 1948.

Para não repetir o filme, o clube resolver investir para o campeonato de 1956. Com Waldomiro Silva em seu primeiro ano na presidência (ficaria por mais 10), foi buscar um treinador experiente, que vinha de bons resultados no XV de Piracicaba, o argentino José Agnelli.

A estreia foi em dois amistosos contra a Internacional de Bebedouro. Uma vitória aqui, uma derrota lá. Qualquer receio, porém, viria a cair por terra pouco depois, com a conquista da Taça Centenário de Ribeirão Preto, com duas



Ao lado de campeões pelo Botafogo, Agnelli acena para a torcida



Agnelli (à direita), comemora com o goleiro Machado o acesso do Botafogo à Primeira Divisão

vitórias e um empate sobre o arquirrival Comercial. Agnelli ganhou a torcida.

Após cinco meses de campeonato, que só chegaria ao final em fevereiro do ano se-

guinte, o Botafogo enfim ao sonhado acesso à Primeira Divisão. E Agnelli conquistava seu maior título, na cidade que escolheu para chamar de sua até o final da vida.

Ao todo, foram 215 jogos como técnico do Botafogo, em cinco passagens (1956/57, 1958, 1960, 1962 e 1970/71). Neste período, revelou e dirigiu jogadores como o atacan-

Ele contou que não recebia a visita de familiares há muitos anos. “Non los vejo faz tempo. Acho que só nos encontramos por pura casualidadá”, respondeu, em português, o idioma corrente durante toda a conversa.

Apenas ex-jogadores, como Henrique Salles, o visitavam. “Conhece o Henrique? Ele vem aqui. E mais um outro”, disse, já mostrando sinais de que a memória não era a mesma de outrora.

A paixão pelo futebol, porém, permanecia intacta no coração do velho argentino, que fez questão de relembrar seus tempos de jogador. “Não tenho clube, gosto de assistir futebol. Andei pelo River, depois Vasco e outros mais. Sempre fui um bom marcador, jogava na força”.

Sorrisos, durante a entrevista, só para falar da amizade com Luiz Gaetani. “Muito amigo, hein, muito amigo”.

E assim, entre poucas lembranças e um certo saudosismo, um dos maiores treinadores que passaram pelo futebol dessas terras se despediu da imprensa. E menos de dois anos depois, também dessa vida...

te Silva, recém-chegado do Batatais, e o lateral Carlucci, o Canhão da Vila.

No Comercial, onde também desfrutou do respeito de dirigentes e da torcida, o treinador argentino trabalhou três vezes. Na primeira delas, ficou 73 jogos, entre 1962 e 64. Essa foi, inclusive, sua mais longa temporada dirigindo uma equipe de Ribeirão Preto. Sob seu comando, neste período o Alvinegro começou a montagem do time que viria a marcar época em 1966, conquistando o título do interior e sendo conhecido como Rolo Compressor.

Volto depois em 1967/68 e, por fim, em 1972/73, quando ‘pendurou o apito’ na cidade após sete jogos – o último deles uma derrota para o Botafogo, no Torneio Laudo Natel.

Somando as duas equipes, José Agnelli acumulou 348 partidas à frente de Botafogo e Comercial. Esse número só é superado pelo ‘mago’ Alfredinho Sampaio, com 404 jogos, sendo 327 em 10 passagens pelo Leão do Norte, e outros 77 em quatro trabalhos no Pantera.



“Entre aspas”

O que disseram ao Tribuna Ribeirão

“Quem tem grana tem respeito. É como em casos de furto: o rico é cleptomaniaco, o pobre é ladrão. Nas relações de sexo, o rico é tratado como homossexual, o pobre é viado mesmo”.



Josué Delfino de Freitas, dirigente do Núcleo de Gays e Lésbicas do PT. (1996)

“É muito bonito o som da panela, você pode usá-la com água, pedras, grãos de feijão, arroz... Cada um tem um som diferente, afinado”.



Hermeto Pascoal, músico falecido recentemente e reconhecido principalmente por sua capacidade de improvisação nos sons. (1996)

“Mansell era rápido, mas era uma mula. O cara mais burro na face da Terra”.



Nelson Piquet, ex-piloto, sobre o ex-colega de equipe Nigel Mansell, com quem travou grandes duelos no final dos anos 80. (1996)

“Não quero ser eternamente deputado. O senado é desafio. Está na hora de um desafio maior e eu gostaria de disputar uma eleição majoritária”.



Wagner Rossi, advogado, produtor rural e político. Após a entrevista, ainda foi eleito mais uma vez deputado federal, ocupou a presidência da CO-NAB | Companhia Nacional de Abastecimento e foi ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento durante os governos Lula e Dilma. (1996)

“Quero desenvolver nesses jovens o ato social de frequentar as salas de exibição. O difícil é manter um projeto de cinema em uma cidade com aluguéis tão caros como Ribeirão Preto”.



Fernando Kaxassa, presidente do Cineclub de Cauim, fundado em 1979.

“Como vou ser promotora e viver dignamente se não fizer a faculdade e aprender bem a profissão?”



Mônica (nome fictício), estudante do quarto semestre do curso de Direito e garota de programa, ao ser flagrada e repreendida por dois professores na boate After Five, onde trabalhava. (1996).

“Ninguém está articulando golpe e não vejo, nem de longe, nenhuma vontade das Forças Armadas de servirem de escudo para nenhum tipo de movimento ilegítimo”.



Boris Casoy, jornalista e apresentador de televisão, sobre a possibilidade de um golpe militar nos anos 90. (1996)

“Joe Medel meteu a mão no meu fígado, quebrou meu nariz... doía até a alma. Quando consegui pegá-lo, ele beijou a lona”.



Éder Jofre, pugilista e político, sobre a vitória diante do mexicano. O combate, realizado em 1960, é considerado até hoje como um dos maiores da história do boxe. Foi o ponto de partida para a abertura das portas para a modalidade no Brasil. (1996)